

Planeamento e Aprendizagem sobre Ação Comunitária - Aplicação dos Micro-Donativos e Facilitadores Comunitários Voluntários (#7)

Kit de Ferramentas de Ação de Antecipação conduzida a nível Local

Finalidade

O objetivo desta ferramenta é estabelecer um processo de ação e aprendizagem participativas (AAPC¹) para a ação de antecipação conduzida a nível local.

Orientações

A AAPC procuram consolidar ou criar sistemas de informações que são detidos, geridos e utilizados pelas próprias comunidades. Os voluntários ajudam as comunidades (e as agências facilitadoras) a compreender melhor as capacidades e oportunidades existentes no seio da comunidade para a ação e colaboração com outras partes.

Deste modo, os voluntários aumentam a eficácia, eficiência, prestação de contas, inclusão e sensibilidade a conflitos das suas próprias ações lideradas pela comunidade e informam o planeamento e as ações dos intervenientes externos (organismos governamentais, ONG nacionais e internacionais, agências da ONU). Estes voluntários também podem ser membros de grupos que se irão candidatar a micro-donativos ou membros de comités comunitários encarregues de dar feedback à agência facilitadora. À medida que os voluntários assumem mais responsabilidades na condução do processo, menos terá de ser feito pela agência

¹ Quando é aplicado no contexto de uma catástrofe ou crise, este processo é adaptado para facilitar o planeamento de ações por parte dos grupos com vista à resposta e à recuperação de uma catástrofe ou crise. Este processo designa-se de Aprendizagem sobre Ação Participativa num contexto de Crise (AAPC).

facilitadora, que assim poderá dedicar mais tempo a outras tarefas, por exemplo, à coordenação com outros intervenientes.

Esta ferramenta orienta o processo de planeamento da ação comunitária e as etapas de aprendizagem, sendo que deve ser facilitada e apoiada por voluntários da comunidade (AAPC). As etapas indicadas conduzem à elaboração de propostas, à auto-execução das intervenções e à avaliação dos micro-donativos.

Etapas do planeamento de ações comunitárias e aprendizagem - Candidatura a micro-donativos

| Etapas | Calendário |
|---|--|
| Etapa A: sessão de orientação (e formação, ver abaixo) para mobilizar os voluntários para: apoiar a recolha de informações iniciais com vista ao planeamento da ação comunitária e ao processo de micro-donativos; serve ainda para definir o modo de comunicação, recolha e partilha de informações. | Durante as fases de Orientação e APVC |
| Etapa B: disseminação de informações sobre os micro-donativos (MG#1). Identificação dos melhores sistemas em termos de transparência e prestação de contas relativas a micro-donativos. | Após a Oficina do PCPI |
| Etapa C: reuniões comunitárias para a partilha de informações sobre micro-donativos, informações sobre os riscos e o planeamento da contingência participativo intensificado (PCPI). As comunidades discutem as opções propostas para os projetos de micro-donativos (ver abaixo). Recolha de dados sobre os grupos que se candidatam a micro-donativos (MG#3). | Quando as informações/materiais informativos da Oficina do PCPI são comunicados. |
| Etapa D: os grupos elaboram e enviam as propostas dos projetos (MG#4) para avaliação (MG#5 e #6). Com base no feedback dos painéis de avaliação, os grupos reveem as propostas e orçamentos para os seus projetos. | No prazo de 1 mês após a oficina do PCPI. |
| Etapa E: os micro-donativos são concedidos, os contratos são assinados (MG#7), os grupos recebem formação sobre compras e registos contabilísticos (MG#8) e os detalhes do projeto são comunicados publicamente (MG#9). | No prazo de 1 mês após a oficina do PCPI. |
| Etapa F: transferência de micro-donativos para os grupos (MG#10). Implementação, capacitação (formação), coordenação com partes interessadas e monitorização (MG#11) de projetos financiados com micro-donativos (transparência, prestação de contas, inclusão, conflitos, etc.). Inclui o envio do projeto e dos relatórios e recibos de despesas (MG#12). | Período de 2 a 3 meses. |
| Etapa G: avaliação dos projetos financiados com micro-donativos concluídos (MG#13) e partilha de lições (na comunidade, entre comunidades e com outras partes interessadas). | No prazo de 1 mês após a recepção dos relatórios do projeto e despesas. |
| Etapa H: exploração de opções para uma maior coordenação e mobilização de recursos locais, com vista à preparação, ação de antecipação ou resposta lideradas pela comunidade. | Durante o processo de PCPI |
| Etapa I: discussões com os grupos relevantes sobre o reforço da resiliência comunitária, redução da vulnerabilidade a catástrofes futuras e tratamento das causas. | Durante o processo de PCPI |

Sessão de orientação e formação adicional para voluntários [Etapa A]

| Tópicos | Tempo sugerido |
|---|------------------|
| Explicar o papel dos Facilitadores Comunitários Voluntários - olhos, ouvidos e voz das comunidades (ver abaixo) para as atividades de grupo (projetos apoiados por micro-donativos) | 30 min. |
| Fornecer informações simples sobre as oportunidades para apoiar iniciativas lideradas pela comunidade (ver MG#1 Folheto e MG#2 Critérios para Grupos Candidatos a Micro-Donativos) para que consigam depois partilhar estas informações com os grupos e indivíduos ativos com os quais interagem: ser a «VOZ» | 30 min. |
| Questões a explorar com os Facilitadores Comunitários Voluntários (ver abaixo): ser os «olhos e os ouvidos» | 2-3 horas |
| Chegar a acordo sobre o modo de documentação da informação para assegurar que é usada e partilhada (ver MG#4 Formulário de Proposta do Projeto; MG#9 Lista de Controlo de Transparência e Prestação de Contas dos Micro-Donativos – para grupos; e MG#11 Monitorização entre Pares) | 1 hora |
| Definir um plano flexível para a recolha e comunicação de informações. (Inclui uma discussão sobre aquilo que os voluntários necessitam para cumprir a sua função.) | 30 min. |
| Tempo total | 4-5 horas |

Função dos Facilitadores Comunitários Voluntários – ser os olhos, os ouvidos e a voz das comunidades

- Procurar e partilhar experiências de ações lideradas pela comunidade, soluções e ideias locais, envolver e mobilizar a comunidade, tendo como referência as informações recolhidas e os produtos do APVC e do processo de planeamento da contingência participativo intensificado (PCPI)
- Informar as pessoas sobre o apoio disponível para as ações lideradas pela comunidade e sobre como se candidatarem a assistência: micro-donativos, desenvolvimento de competências, estabelecimento de contactos
- Encorajar especialmente as mulheres e os grupos personalizados a converterem as suas ações em planos de ação
- Identificar lacunas e recolher ideias sobre como lidar com as mesmas (para incentivar uma coordenação «colaborativa»)
- Identificar as melhores formas de reduzir os riscos de causar danos e de reforçar uma utilização transparente e responsável dos micro-donativos
- Facilitar a monitorização, avaliação e aprendizagem dos projetos com micro-donativos

- Iniciar conversas com a comunidade sobre a resiliência a longo prazo e como resolver as causas dos problemas; incentivar as pessoas a debruçarem-se sobre os problemas e as oportunidades a longo prazo
- Contribuir para a coordenação e partilha de informações a nível local

Questões a explorar com os voluntários

As perguntas de orientação sugeridas podem ser abordadas com os facilitadores comunitários voluntários nos grupos de discussão e ao longo do processo.

Avaliação das oportunidades para ação

1. Quais são as diferentes iniciativas bem-sucedidas que as comunidades já estão a realizar? Há exemplos de ações eficazes que podem ser alargadas?
2. Quem são e onde estão os grupos ou pessoas que já estão a realizar as iniciativas?
3. Que tipo de apoio precisam para alargar e tornar as iniciativas mais eficazes? Fundos, competências, ligações, alianças, etc.?

Mecanismo de transparência, prestação de contas e não prejudicar

4. Quais são as melhores formas de garantir que a concessão de micro-donativos não causa problemas gerando confusão, desinformação, ciúmes, boatos, tensões ou até mesmo conflitos a nível local?
5. Quais são as melhores formas de assegurar a prestação de contas a nível local e garantir que todos os donativos são usados corretamente e de acordo com as propostas aprovadas?
6. Há tensões, conflitos ou casos de maior insegurança que estão a ser inadvertidamente provocados por alguma intervenção? Em caso afirmativo, o que se pode fazer para resolvê-los e evitar que se repitam no futuro?

Inclusão e análise das lacunas

7. Há alguma parte específica da comunidade que tenha um risco elevado de ser deixada de fora? Por exemplo, zonas mais expostas e vulneráveis, mulheres, crianças, idosos, pessoas com deficiência, grupos étnicos, pessoas com diferentes orientações sexuais. Em caso afirmativo, o que se pode fazer mais para incluir estes grupos?
8. Quais são as potenciais atitudes, estigmas sociais ou tensões que impedem a participação de algumas pessoas em atividades aos níveis local ou comunitário?
9. Há alguma questão psicossocial que tem de ser tida em conta aquando do planeamento das ações lideradas pela comunidade?

Género

10. Há obstáculos que impedem as mulheres de assumirem funções de liderança e de tomada de decisões? Como é que se pode superar estes obstáculos?
11. Há alguma questão de segurança relacionada com o facto de as mulheres participarem ou liderarem grupos apoiados por micro-donativos?
12. A participação das mulheres nos grupos pode afetar negativamente as suas famílias? Como atenuar o risco de sobrecarga e, ao mesmo tempo, garantir a sua inclusão efetiva?

Coordenação e partilha de informação com outros intervenientes

13. Quais são as prioridades identificadas pelas comunidades em matéria de coordenação local? Quais são as opções para criar ou apoiar mecanismos de coordenação a nível local para atender a estas necessidades de coordenação?
14. Quais são as oportunidades para reforçar a colaboração positiva entre intervenções externas (autoridades, ONG nacionais e internacionais, agências da ONU) e intervenções lideradas pela comunidade?

Resiliência a longo prazo e resolução das causas dos problemas

15. Quais são as ideias para se começar a resolver as causas das catástrofes e vulnerabilidades identificadas?

Opções para micro-donativos

Em primeiro lugar, os micro-donativos são concedidos a grupos para que estes possam implementar as suas próprias ações. As categorias de potenciais ações dos grupos financiadas por micro-donativos incluem:

- Ações de preparação que reforçam a capacidade de agir em caso de alerta/aviso
- Ações de curto prazo que podem contribuir para a redução de prejuízos ou danos em zonas expostas e vulneráveis
- Ações precoces - antes de uma catástrofe ou crise previsível
- Ações de «resposta precoce» - antes do pico do impacto de uma catástrofe ou crise

Em segundo lugar, os grupos podem incluir no seu orçamento apoio para o desenvolvimento de competências ou a agência facilitadora pode decidir providenciar desenvolvimento de capacidades, mediante pedido. Estes incluem:

- Planeamento de contingência e gestão de fundos a nível comunitário
- Reforço/criação de estruturas comunitários de gestão do risco de catástrofes (comités/voluntários), incluindo sobre o papel de liderança das mulheres
- Formação para os comités/organizações comunitárias, incluindo sobre gestão financeira, angariação de fundos, sensibilidade a conflitos, etc.

- Reuniões/*networking*
- Centros de gestão da informação
- Formação sobre competências: apoio psicossocial, planeamento técnico e manutenção de estruturas, etc.

Em terceiro lugar, podem ser facilitadas atividades a ser realizadas por ou com outros intervenientes (por exemplo, estruturas de gestão de catástrofes dos poderes locais), incluindo:

- Reforço dos sistemas de alerta precoce baseados na comunidade, ligando-os aos sistemas nacionais
- Reforço/criação de estruturas de coordenação da Gestão Comunitária do Risco de Catástrofe (plataformas locais)
- Realização de simulacros

Agradecimentos

Este documento foi adaptado de [recursos de formação](#) desenvolvidos pela Local to Global Protection para utilização na resposta a crises liderada por sobreviventes e pela comunidade e pela CaLP [Orientações e Ferramentas para Transferências Monetárias para Grupos](#). O Guia e o Kit de Ferramentas de Ação de Antecipação conduzida a nível Local são da autoria de Chris Ball, Diretor da [Bounce Back Resilience Ltd](#) e Conselheiro Humanitário em matéria de RRC e Alterações Climáticas da Diakonie Katastrophenhilfe. Foi desenvolvido com base nas aprendizagens do projeto «Liderança Local para um Impacto Global» implementado em parceria entre [Diakonie Katastrophenhilfe](#), [CARD](#), [CEDES](#), [SAF/FJKM](#) e [GNDR](#); e apoiado por fundos da República Federal da Alemanha através do [Ministério Federal da Cooperação Económica e do Desenvolvimento](#) (BMZ).